

A Generalização da Vítima de Preconceito e a Construção de Narrativas de Sofrimento¹

Amanda de Souza Santos²

Paulo Vaz³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O propósito deste artigo é evidenciar a generalização do que significa ter sido vítima de preconceito como consequência de dois processos: por um lado, a emergência de estruturas discursivas que explicam o sofrimento a partir da redistribuição de responsabilidade entre indivíduo e sociedade; por outro, a valorização da autenticidade como ideal contemporâneo. Em seguida, a partir do projeto “*Who Needs Feminism?*”, investigar através de que códigos discursivos e morais são construídas, no espaço público, as narrativas de sofrimento dessas vítimas.

Palavras-chave: feminismo; vítima; preconceito; narrativas; subjetividade.

Quem precisa de Feminismo?

Em percebendo um sentimento generalizado de antipatia pelo Feminismo, dezesseis estudantes da Universidade de Duke, na Carolina do Norte (EUA) decidiram iniciar um projeto no qual realizariam fotografias de pessoas segurando placas em que seria escrito “Eu preciso do Feminismo porque...” e o motivo, tanto pessoal quanto coletivo, pelo qual o feminismo continuaria sendo necessário nos dias de hoje. O projeto foi nomeado “*Who Needs Feminism?*”⁴ e como as criadoras contam na página oficial, “o objetivo (...) é diminuir as associações negativas com a palavra [feminismo] que levariam qualquer pessoa a não se identificar com o movimento.”⁵ A princípio foram feitas 54 fotos pelas idealizadoras, todas publicadas no Tumblr do projeto em 11 de abril de 2012. Na mesma data foi criada uma página de Facebook que, dois dias depois, já contava com mais de 5 mil *likes*. As criadoras postaram em ambas as páginas um convite para que mais pessoas participassem do projeto enviando as próprias fotos com a *hashtag* #whoneedsfeminism. Rapidamente, a página recebeu centenas de fotos e relatos escritos de pessoas anônimas. Em junho de 2015, a página do projeto no Facebook contava com 38 mil *likes*, enquanto o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação (ECO-UFRJ). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq). Email: amandasantos94@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor (ECO-UFRJ). Pesquisador nível 1B (CNPq). Email: paulovaz.ufjr@gmail.com

⁴ <http://www.whoneedsfeminism.com/> (Acesso em 13/07/2015).

⁵ “The goal of our project is to decrease negative associations with the word that would keep anyone from identifying with the movement.” (Tradução livre. Disponível em: <http://www.whoneedsfeminism.com/about.html>).

Tumblr já havia recebido quase 5 mil contribuições, sendo que as últimas postagens na página datam de Março de 2015.

As primeiras fotos estabeleceram uma estética que, embora tenha sido modificada de diferentes modos ao longo do projeto nas várias contribuições recebidas, consiste fundamentalmente na presença de dois elementos: o corpo de uma pessoa e o texto que manifesta sua opinião ou testemunho, em geral, escrito num cartaz. Entre as primeiras fotos, alguns exemplos de frases usadas são: “Eu preciso do Feminismo porque acredito em igualdade. É simples assim.”⁶, “Eu preciso do Feminismo porque o meu vestido sensual não é um convite.”⁷ ou ainda “[Eu preciso do Feminismo] porque as pessoas ainda acham que piadas sobre estupro são engraçadas.”⁸ Alguns outros exemplos também incluem dados factuais, como o percentual de mulheres que presidem grandes corporações. A ideia do projeto é que, ao retratar pessoas comuns se declarando feministas, assim como os seus motivos para tal, os estereótipos acerca do movimento feminista sejam desconstruídos e que este passe a ser menos rejeitado e hostilizado.

***Backlash* e as “Feminazis”**

Para contextualizar o projeto “*Who Needs Feminism?*” e entender que imagens negativas envolvem o feminismo nos dias de hoje, é interessante recorrer aos estudos de Angela McRobbie (2006) sobre o Pós-Feminismo. Segundo McRobbie, e fazendo uso do conceito de *backlash* desenvolvido por Faludi (1992 apud McROBBIE, 2006), o pós-feminismo se caracteriza como o momento em que o feminismo passa a ser dispensado, partindo-se do pressuposto de que a igualdade de gêneros já teria sido alcançada; ou seja, uma vez que o movimento feminista já foi vitorioso, ele se torna desnecessário:

“O *backlash*, para Faludi, foi uma ação, uma resposta conservadora e arranjada às conquistas do feminismo. O meu argumento é que o pós-feminismo positivamente faz uso do feminismo e o evoca como algo a ser levado em consideração para sugerir que a igualdade está alcançada e, com isso, instalar todo um repertório de novas significações que enfatizam que o feminismo não é mais necessário, que é uma força perdida” (McROBBIE, 2006, p. 60).

⁶ “I need Feminism because I believe in equality. It’s that simple.” (Tradução livre. Disponível em: <http://whoneedsfeminism.tumblr.com/post/20905150795>).

⁷ “I need Feminism because my sexy dress is not an invitation.” (Tradução livre. Disponível em: <http://whoneedsfeminism.tumblr.com/post/20906171288>).

⁸ “Because people still think that jokes about raping someone are funny” (Tradução livre. Disponível em: <http://whoneedsfeminism.tumblr.com/post/20905779431>).

Ainda segundo McRobbie, uma vez tendo conquistado a liberdade, seria necessário às jovens modernas recusar o feminismo, classificá-lo como ultrapassado e permanecer à distância dele para que possam ser consideradas mulheres bem sucedidas. Toda esta ojeriza ao feminismo seria resultado de uma crescente individualização e crença na meritocracia das sociedades contemporâneas liberais (McROBBIE, 2006). Uma vez que, supostamente, as mulheres já conquistaram direitos iguais aos dos homens, seu sucesso passa a depender unicamente de seu esforço individual. Colocar a culpa do próprio fracasso no machismo seria o mesmo que recusar a responsabilidade do gerenciamento da própria vida.

Esta aversão ao feminismo fica evidente no projeto “*Women Against Feminism*”⁹, criado no dia 1 de julho de 2013 e cuja página oficial no Facebook acumula 31 mil *likes*. Esta iniciativa imita a forma e estética do projeto citado anteriormente, mas ao contrário do primeiro, a frase utilizada é “Eu **não** preciso de Feminismo porque...”. Um dos motivos citados com frequência nas fotos ajuda a esclarecer o conceito de *backlash*: segundo muitas mulheres, o feminismo é desnecessário ou injusto porque elas não se sentem oprimidas ou vitimizadas pelo machismo e não precisariam de “tratamento especial” ou “privilégios”. Ainda segundo uma lógica meritocrática, as mulheres estariam aptas a batalhar pelo próprio sucesso nas mesmas condições que homens:

“Eu não preciso do “feminismo” moderno porque eu não preciso que outros lutem as minhas batalhas por mim. [Eu] acredito em conseguir as coisas para mim mesma. [Eu] acredito em provar que eu sou merecedora das coisas que eu quero, e não esperar que elas sejam dadas a mim porque eu me sinto intitulada.”¹⁰

O segundo motivo recorrentemente citado é causado pelo que a autora Judith Butler (2000 apud McROBBIE, 2006) irá chamar de “duplo enredamento”, ou seja, a coexistência de valores conservadores em relação a gênero e sexualidade com processos de liberação iniciados na segunda metade do século XX referentes às relações domésticas e matrimoniais. Na prática, isso significa que as mulheres hoje precisam atender a dois papéis distintos: o da mulher conservadora – ou seja, boa esposa e mãe recatada – e o do indivíduo moderno – autêntico, independente, bem sucedido. Quando as feministas criticam a manutenção de tais valores conservadores quanto ao papel da mulher (ou seja, aqueles ligados à domesticidade e castidade), são acusadas de deslegitimar o estilo de vida

⁹ <http://womenagainstfeminism.tumblr.com/> (Acesso em 13/07/2015).

¹⁰ “I don’t need modern “feminism” because I don’t need others to fight my battles for me. [I] believe in earning things for myself. [I] believe in proving I am worthy of what I want, and not expecting them to be handed to me because I feel entitled.” (Tradução livre. Disponível em: <http://womenagainstfeminism.tumblr.com/post/92288865135/>).

tradicional escolhido por milhões de pessoas. Segundo uma das participantes da campanha: “Eu não preciso do feminismo porque eu fiz a minha própria escolha em ser uma mãe dona-de-casa, e o meu marido trabalhador não deveria ser assediado.”¹¹

A generalização de todos os homens como uma classe de machistas e potenciais estupradores é o terceiro motivo que leva muitas mulheres a se afastarem do movimento. Segundo alguns depoimentos, as ativistas feministas fariam uma espécie de discurso de ódio em suas críticas e perpetuariam estereótipos de gênero tão prejudiciais aos homens quanto aqueles criados pelo machismo seriam às mulheres. Elas acusam o movimento feminista de misoginia e de criar um clima de conflito entre homens e mulheres. Em geral, esses relatos contém a afirmação de que o certo seria defender o “igualitarismo”, ou seja, o movimento em defesa da igualdade de direitos e não, como seria o caso do feminismo, da supremacia das mulheres sobre os homens e do incentivo à rivalidade entre os gêneros: “Eu não preciso de Feminismo; Feminismo promove fazer dos homens nossos inimigos. Homens não são nossos inimigos – são nossos amigos.”¹²

É interessante notar que as críticas conservadoras – aquelas que incluem a reprovação ao feminismo pela transgressão dos valores tradicionais e religiosos, tais como a castidade e a domesticidade, ou pelo incentivo à liberação sexual (que consistiria no comportamento devasso ou indecente) – são as menos citadas no projeto “*Women Against Feminism*”. Isto nos mostra que não é mais o fato das feministas defenderem o direito ao corpo ou a sexualidade feminina que incomoda, mas sim o preconceito que elas estariam praticando ao condenarem certos indivíduos e estilos de vida. A imagem da “vadia” como figura negativa perde a força e é substituída pela figura da “Feminazi”, que surge como forma de denunciar esta discriminação e sugerir que o movimento feminista deseja instalar uma ditadura de valores tão opressivos quanto os machistas. A passagem da “vadia” à “feminazi” enquanto figuras pejorativas indica uma importante mudança moral.

Este tipo de discurso só se torna possível numa cultura que tem como característica um relativismo moral e o direito à felicidade individual. A partir da chamada liberação sexual iniciada na segunda metade do século XX, o controle do corpo deixa de representar o caminho para salvação divina ou para a saúde física e mental. O indivíduo não precisa mais se angustiar quanto aos próprios desejos, uma vez que a maior parte das perversões

¹¹ “I don’t need feminism because I made my own choice to be a stay at home mother, and my working husband should not be harassed.” (Tradução livre. Disponível em: <http://womenagainstfeminism.tumblr.com/post/92095884380/>).

¹² “I don’t need feminism; Feminism promotes making men our enemies. Men aren’t our enemies – they’re our friends.” (Tradução livre. Disponível em: <http://womenagainstfeminism.tumblr.com/post/92221493780/>).

sexuais se torna amplamente aceitável (VAZ, 2010). Passa a prevalecer o “princípio do não-dano”, ou seja, “o limite da autorrealização de qualquer um deve ser a medida preventiva de uma igual chance nessa realização para os outros” (TAYLOR, 2011, p. 53); qualquer prática está permitida desde que esta não prejudique outrem. A partir destas mudanças, deixa de fazer sentido a crítica às feministas pelo seu comportamento sexual (ou seja, pela figura da vadia); novas críticas surgem em seu lugar.

Ainda neste movimento, a tolerância e a autenticidade emergem como novos valores morais na sociedade contemporânea. Passam a ser os preconceituosos, aqueles que limitam os outros, que surgem como figuras problemáticas. Este relativismo moral, se por um lado possibilitou novas formas de experimentação, por outro, quando levado ao extremo, pode ser generalizado e utilizado com o intuito de limitar o debate político, como será discutido adiante. Em face deste cenário, cabe perguntar (1) qual é o propósito de colocar-se como vítima de preconceito; (2) através de que operações esta figura será generalizada; (3) e enfim, como e com que objetivos serão construídas as narrativas destas vítimas no espaço público?

Por que ser vítima de preconceito?

Segundo Sarti “a figura da vítima constitui uma forma socialmente inteligível de expressar o sofrimento associado à violência” (SARTI, 2011, p. 56). Significa dizer que para nos comunicarmos, especialmente com relação a sensações subjetivas, é preciso que haja estruturas de sentido compartilhadas entre os interlocutores. A vítima surge como uma dessas estruturas na sociedade contemporânea e atende a certos anseios de legitimação e reconhecimento do sofrimento (SARTI, 2011). Ao mesmo tempo, a vítima se encaixa nos códigos morais contemporâneos. Segundo Nietzsche (2006 apud VAZ, 2010), o sofrimento será explicado pelo indivíduo de duas formas: ou sofre por sua culpa, por culpa de suas falhas morais, ou pela ação de outros que lhe querem mal. A primeira forma é típica das sociedades religiosas e modernas: o sofrimento é explicado pela incapacidade do sujeito em controlar (nas formas religiosas) ou aceitar (no caso da psicanálise) o próprio desejo. Este tipo de formulação perde a força a partir das mudanças no sentido e valor das práticas sexuais pelos processos já citados (VAZ, 2010).

Se o momento é de relativismo moral, a existência de desejos contrários a uma suposta regra moral rígida não pode continuar sendo explicação para o sofrimento individual. O lugar de responsabilidade quanto aos sofrimentos experimentados passará a ser, portanto, a ação do outro, o que implica a inocência do indivíduo quanto ao próprio

sofrimento. Não é mais a regra moral internalizada na forma da culpa que proíbe o indivíduo de se realizar, mas a ação do outro sobre este indivíduo (ainda que isto signifique a pressão social que levaria alguém a se envergonhar por não conseguir atender às regras morais, e assim, sofrer). Dessa forma, ao invés de dizerem “sofro por minha culpa”, os sofredores são levados a dizer “sofro por culpa do outro”. O que significa, dentro deste cenário, ser uma vítima de preconceito?

“De fato, quando quem testemunha se apresenta como vítima de preconceito, o que explicaria seu sofrimento é o fato de não ter sido capaz de realizar seus desejos, o fato de não ter se permitido não controlar os impulsos de seu corpo por ter aceitado a pressão dos preconceituosos” (VAZ, SANTOS & ANDRADE, 2014, p. 6).

O sofrimento causado pelo preconceito só fará sentido segundo esta nova formulação. O nexos causal entre sofrimento e preconceito será dado a partir da noção de autoestima. Enquanto o indivíduo depender do juízo alheio, enquanto ainda acreditar que, para ser desejado, deve se comportar como imagina que os outros querem que ele se comporte, o indivíduo estará marcado pela baixa autoestima (VAZ, 2014). E para recuperar sua autoestima, é preciso superar a vergonha e reconhecer que o seu sofrimento é culpa da sociedade, do preconceito e da suposta hegemonia de uma rigidez moral, e a partir desta constatação, liberar-se. Ou seja, “ao invés de lutar contra o que deseja, deve, sim, desqualificar os presumidos juizes como preconceituosos e fazer o que deseja” (VAZ, 2014, p. 33-34). A emoção experimentada neste processo de desprendimento do julgamento alheio e liberação individual foi nomeada por Paulo Vaz como “vergonha reflexiva”:

“A vergonha reflexiva implica (...) um observador no presente questionando e se distanciando do observador que foi no passado, ou ainda, o indivíduo experimenta atualmente vergonha por ter um dia sentido vergonha de quem era e do que fazia. O questionamento do observador que se envergonhava promove e supõe um orgulho atual de ser o que se é e uma atitude de desafio e sedução em relação a todos aqueles que podem julgar seu desejo e comportamento” (VAZ, 2014, p. 41-42).

O que está em jogo, portanto, em ir a público e se declarar vítima de preconceito é a afirmação da própria identidade e a superação da vergonha e da necessidade de aprovação alheia. Ir a público e se dizer vítima de preconceito, nesse sentido, implica uma identidade autêntica, uma vez que “a autenticidade envolve (...) frequentemente, oposição às regras da sociedade e mesmo potencialmente ao que reconhecemos como moralidade” (TAYLOR, 2011, p. 73). Nesse sentido, conceber-se como vítima de preconceito é positivo porque

significa (a) um distanciamento do preconceituoso intolerante, aquele que incorpora valores negativos e (b) uma existência autêntica, que como já foi colocado anteriormente, se torna um valor moral contemporâneo. Por outro lado, vir a público e dar esse testemunho também serviria para “ajudar a todos aqueles que ainda sofrem em silêncio por dependerem afetivamente de preconceituosos” (VAZ, 2014, p. 42).

Generalização do lugar de vítima

Como explicar a existência do projeto “*Women Against Feminism*”? Como explicar, através da mesma lógica da vítima de preconceito utilizada pelo feminismo, as críticas feitas neste projeto? Afinal, parece impossível conceber que o movimento feminista, ator imprescindível na construção da figura da vítima e na legitimação de suas demandas de reparação, tenha passado à posição de opressor. Segundo Sarti, “a violência aparece como um fenômeno difundido na sociedade contemporânea” (SARTI, 2011, p. 58). O preconceito seria uma das formas de difusão da violência. Ainda segundo a autora, este excesso de práticas consideradas violentas poderia pôr em questão a conceituação mesma de violência e, portanto, da extensão efetiva de sofrimento que se experimentaria.

Entretanto, tal empreendimento envolveria não reconhecer, ou no mínimo questionar, a veracidade do sofrimento que a vítima afirma sentir. Tal dúvida foi repetidamente denunciada pelos movimentos sociais como decorrente do preconceito no juízo de gravidade do observador. Portanto, a autoridade de dizer se o sofrimento é legítimo ou não só poderia recair naqueles que o experimentam. Na mesma medida em que esta articulação beneficiou o movimento feminista na defesa dos direitos das vítimas e da legitimidade de suas demandas, está sendo usada agora para atacar o seu próprio discurso, como no caso do projeto citado:

“O preconceito agora não pode ter forma definida; mais precisamente, o que existe é o preconceituoso como um significante vazio, a ser preenchido por alguma figura na medida das necessidades narrativas de um indivíduo. Pode ser o machista, o racista, o homofóbico, o elitista ou, para recuar um pouco mais no tempo, o racionalista e o “quadrado”; mas pode ser também todo aquele com quem estamos em conflito ou que nos critica” (VAZ, 2014, p. 43).

Esta generalização quanto ao significado de preconceito – não mais a discriminação estrutural de certos grupos desprivilegiados num contexto histórico de desigualdade social, mas toda e qualquer discordância considerada ofensiva e/ou opressora – fez com que “a luta contra os preconceituosos [se tornasse] um fragmento biográfico que pode ser apropriado

por qualquer um quando pensa o que deve ser e os obstáculos que precisa enfrentar para ser o que deve” (VAZ, 2014, p. 41). Tais construções (por um lado, a generalização do que significa ter sido vítima de preconceito e, por outro, a gravidade do sofrimento da vítima da qual só ela pode ser testemunha) implicam na anulação das possibilidades de debate político e de questionamento das regras morais. Qualquer tentativa de diálogo será automaticamente recusada mediante o argumento de que apenas a vítima conhece o seu sofrimento, e deste modo, qualquer opinião que a contrarie será tida como preconceituosa e descartada.

Uma vez tendo analisado quais os valores morais contemporâneos que sustentam a figura da vítima de preconceito e a tornam tão passível de generalização, cabe pensar como serão construídas as narrativas de sofrimento que funcionam segundo esta lógica.

Narrativas de sofrimento no espaço público

A estética usada em ambos os projetos “*Who Needs Feminism?*” e “*Women Against Feminism*” vem sendo crescentemente utilizada por vários ativistas dos direitos de minorias sociais com o intuito de denunciar o preconceito e conscientizar a população. Exemplo do uso desta estética é o famoso projeto “*I, too, am Harvard*”¹³, criado por um coletivo de estudantes da Universidade de Harvard em fevereiro de 2014 como forma de denunciar o racismo no meio acadêmico. O projeto consistia em fotografias de alunos negros segurando placas com frases racistas que teriam ouvido de outros estudantes ou professores, e foi copiado por alunos de pelo menos 20 outras instituições no mundo. No Brasil, o projeto inspirou o “*Ah, Branco! Dá um tempo*”¹⁴, criado por alunos da UNB em março de 2015 com o mesmo propósito. Entretanto, o projeto mais antigo a ganhar visibilidade e que popularizou esta estética é o *Project Unbreakable*¹⁵, criado em 2011. O projeto consiste em fotos de mulheres que foram vítimas de abuso sexual segurando placas com frases ditas pelo agressor ou por pessoas que não acreditaram em seus relatos ou diminuíram a importância do ocorrido, tais como amigos, familiares, terapeutas e policiais. Embora seja um fenômeno recente (não mais de cinco anos de existência), é seguro dizer que faz parte de uma lógica que já vem se popularizando há algumas décadas.

Segundo a autora Eva Moskowitz em seu livro “*In Therapy We Trust: America’s obsession with self-fulfillment*”, os movimentos sociais na década de 60 incorporaram em seu discurso uma lógica terapêutica e psicológica. Questões privadas tornam-se objeto de

¹³ <http://itooamharvard.tumblr.com/> (Acesso em 16/07/2015).

¹⁴ <http://ahbrancodaumtempo.tumblr.com/> (Acesso em 16/07/2015).

¹⁵ <http://projectunbreakable.tumblr.com/> (Acesso em 16/07/2015).

debate político, especialmente graças aos esforços feministas em problematizar os papéis de gênero tradicionais. Nesse sentido, preconceito e baixa autoestima se tornaram conceitos centrais. A emergência de grupos de autoajuda é um dos sintomas deste momento, mas é com a popularização da Internet que as narrativas de problemas pessoais, ao se tornarem públicas, ganhem relevância política (MOSKOWITZ, 2001, p. 245-278). Esta relevância é caracterizada, no lado institucional, por um foco cada vez maior nas políticas de identidade e pela crescente preocupação em criar mecanismos de reparação para as vítimas de preconceito, tais como a criminalização do racismo e da homofobia. A proliferação destas narrativas de sofrimento no espaço público por pessoas ordinárias articulam três objetivos principais: o confronto com os preconceituosos, o aumento da autoestima pela afirmação da própria identidade e o empoderamento coletivo dessas identidades. Estes objetivos serão discutidos mais detalhadamente adiante.

As frases utilizadas no projeto “*Who Needs Feminism?*” justificam o combate ao machismo pelo sofrimento causado às vítimas (em geral, mulheres). A presença do corpo do indivíduo que fala na foto e o uso da primeira pessoa – em “**Eu preciso** do Feminismo” – nas frases, conferem autoridade e legitimidade à luta coletiva tendo em vista o direito individual à felicidade que é característico do momento contemporâneo ocidental (VAZ, 2010). Isso significa que muitas das participantes vão narrar terem sido vítimas de abuso sexual, psicológico, ou de assédio moral. Ter sido vítima, entretanto, engloba outros significados diversos num amplo espectro de práticas violentas que constituem o preconceito. Por exemplo, em uma foto publicada no dia 29 de setembro de 2012, pode-se ler no cartaz: “Eu preciso do Feminismo porque estou cansada de pensar que mulher que gosta de sexo é vadia!”¹⁶ Este caso, como muitos outros, exemplifica um tipo de sofrimento causado pelo machismo, mas apenas enquanto preconceito. Outra participante afirma: “Eu preciso do Feminismo porque eu não quero ser dispensada numa entrevista de emprego só porque um dia eu talvez fique grávida e tenha um bebê!”¹⁷ Estes dois exemplos demonstram que o sofrimento causado nas vítimas de preconceito pode ser extremamente íntimo (como no caso da vergonha) ou apenas virtual (no sentido de uma possibilidade constante). A análise do projeto “*Who Needs Feminism?*” servirá para investigar como tais vítimas vão lidar com esse sofrimento específico no espaço público.

¹⁶ “I need feminism because I am sick of thinking that woman who like sex is a whore!” (Tradução livre. Disponível em: <http://whoneedsfeminism.tumblr.com/post/32541729932>).

¹⁷ “I need feminism because I don’t want to be dismissed in a job recruitment process just because one day I might be pregnant and have a baby!” (Tradução livre. Disponível em: <http://whoneedsfeminism.tumblr.com/post/31338881806>).

Autoestima e empoderamento

O empoderamento (um neologismo que surgiu para traduzir a palavra inglesa “*empowerment*”) é um conceito recente que articula a ação individual e coletiva no combate às desigualdades sociais e que hoje mobiliza grande parte do discurso político dos ativistas de direitos de minorias sociais e políticas de identidade. Significa a aquisição da emancipação individual e também da consciência coletiva necessária para a superação da dependência social e dominação política e está profundamente relacionada à questão da autoestima. A publicação de narrativas individuais de sofrimento passa a ter relevância política uma vez que supostamente ajudaria outros indivíduos que sofrem a se reconhecerem como vítimas de uma opressão estrutural, e assim, tomarem coletivamente consciência política. Segundo Davis, a leitura de narrativas autobiográficas de outras vítimas é recomendada por terapeutas na medida em que fornece uma estrutura coerente e coletiva, colaborando para que a vítima reforce a própria inocência e sua nova identidade (DAVIS, 2005, p. 212). Mas estas narrativas no espaço público também possuem uma dimensão positiva para o próprio narrador:

“No caso do testemunho, é dito que narrar no espaço público a experiência de ter sido vítima, além de supostamente contribuir para o bem comum por evitar que outros passem por experiência semelhante, tem uma função terapêutica, pois elevaria a autoestima” (VAZ, SANTOS & ANDRADE, 2014, p. 6).

Em outros termos, o empoderamento de um indivíduo pode ser entendido também como uma prática terapêutica que faz com que este indivíduo supere a vergonha de ser quem se é e passe a localizar no outro a responsabilidade total por seu sofrimento (no caso das minorias sociais, a sociedade preconceituosa e a discriminação), assim retomando o seu poder de ação (DAVIS, 2005, p. 196-200). Neste sentido, ter orgulho da própria identidade, ou seja, mudar a forma como se sente com relação a si próprio, passa a ser um ato político revolucionário (MOSKOWITZ, 2001, p. 220). O ato de “se revelar” ou ainda, de se assumir publicamente enquanto vítima é visto como uma prática benéfica para o indivíduo também em termos psicológicos (DAVIS, 2005, p. 190) e não apenas políticos e coletivos.

No caso do Feminismo, a autoestima também está relacionada ao direito à liberdade sexual e ao uso da sedução. O movimento feminista, embora crítico à objetificação e hipersexualização do corpo feminino, defende a liberdade das mulheres em manifestarem seu desejo sexual sem se sentirem reprimidas ou sem que isto seja usado como motivo para justificar episódios de estupro. Também relacionado ao tópico da sexualidade, o Feminismo

incentiva a aceitação do próprio corpo fora dos padrões de beleza tradicionais. Expor o próprio corpo nu passa a ter propósitos políticos neste cenário, e com a enorme ampliação, nas últimas décadas, dos limites do que se considera tolerável mostrar no espaço público – em especial no que se refere à sexualidade e nudez dos corpos femininos – esta passa a ser uma prática cada vez mais frequente: “a exposição pública da nudez – particularmente feminina – parece se constituir como uma tática midiática a serviço de fins variados, embora todos irmanados por alguma tentativa de politizar um problema” (SIBILIA, 2015, p. 175). Alguns exemplos deste uso são a campanha iniciada pela jornalista Nana Queiroz #NãoMereçoSerEstuprada, em que mulheres se fotografaram nuas em protesto à pesquisa divulgada pelo IPEA na qual mais de 60% dos brasileiros supostamente responderam achar justificável o estupro caso a mulher esteja usando roupas provocativas, além da campanha internacional *Slut Walk* (Marcha das Vadias no Brasil).

No projeto “*Who Needs Feminism?*” algumas das fotos revelam o uso da nudez com estes dois propósitos: afirmar a própria sexualidade e combater padrões opressivos de beleza. Em fotografia publicada no dia 21 de maio de 2012, uma das participantes usa o cartaz para cobrir os seios, no qual está escrito: “Eu preciso do Feminismo porque eu não deveria ser constrangida pela minha sexualidade, enquanto rapazes estão recebendo *high fives* (pela deles).”¹⁸ Em outro exemplo semelhante, publicado no dia 17 de janeiro de 2013, pode-se ler no cartaz: Eu preciso do Feminismo porque ter “peitos pequenos” não faz de mim uma pessoa pior, nem faz de mim menos mulher”.¹⁹ Exemplos como estes se repetem ao longo do projeto e em outras campanhas. Cabe pensar, entretanto, qual é a real eficácia do uso da nudez para tais propósitos se cada vez menos a exposição do corpo feminino tem sido motivo de repreensão numa era saturada de imagens corporais.

“(...) se essa banalização da nudez já é inegável, visto que muitos dos velhos pudores – atrelados à moral burguesa e ao seu ancestral cristão – desativaram-se após as revoltas dos anos 1960-70, caberia se perguntar: qual é o valor político deste insólito “ativismo sexy” tão típico do século XXI? Por que, e em que medida, ele ‘funciona’?” (SIBILIA, 2015, p. 178).

É possível supor que a exposição do corpo nu está cada vez mais ligada à construção de um *self* autêntico no espaço público do que à sua original motivação política. Não se

¹⁸ “I need feminism because I should not be shamed for my sexuality, while guys are getting high fives (for theirs).” (Tradução livre. Disponível em: <http://whoneedsfeminism.tumblr.com/post/31403030659>).

¹⁹ “I need feminism because having “tiny tits” does NOT make me a lesser person, nor does it make me any less of a woman.” (Tradução livre. Disponível em: <http://whoneedsfeminism.tumblr.com/post/40784017419>).

trata mais de chocar o público, mas de uma virada interna que simboliza a superação da vergonha e a aceitação do próprio corpo e sexualidade. Considerando apenas a dimensão política, o uso da nudez parece ter se tornado ineficaz e redundante, mas tendo em vista a dimensão psicológica e terapêutica do ativismo contemporâneo, é possível entender a sua continuidade em meio a tantas campanhas.

Confronto

Parece essencial a estas narrativas de sofrimento contemporâneas a dimensão do confronto, ainda que apenas de forma figurada e subjetiva. Joseph E. Davis em seu livro *“Accounts of Innocence: sexual abuse, trauma and the self”* aborda as práticas terapêuticas através das quais um indivíduo passaria a se entender como uma vítima de abuso sexual no passado para explicar seu sofrimento presente. Neste processo, o confronto real ou encenado com seu agressor, serviria para fornecer à vítima um contexto no qual ela reforçaria a sua identidade e expressaria a sua nova força emocional e poder interior (DAVIS, 2005, p. 200). No caso das narrativas online, o confronto não é apenas com o seu agressor direto, mas com qualquer um que se coloque na posição de preconceituoso e que, portanto, seria conivente com a opressão experimentada pelo indivíduo que sofre:

“(...) o testemunho se apresenta como desafio endereçado àquele que fez o indivíduo sofrer. Por pedir a compreensão e desafiar os que não compreendem, quem escuta um testemunho está constrangido a optar entre duas posições morais claramente hierarquizadas: ou é o tolerante que presta solidariedade, ou é o preconceituoso que faz sofrer e recusa ajuda” (VAZ, SANTOS & ANDRADE, 2014, p. 3).

O confronto serve, portanto, a dois propósitos: expor e condenar os preconceituosos, por um lado, e por outro, reafirmar a própria força e coragem ao superar a vergonha e desafiar em público aqueles que o fizeram sofrer. Nem sempre o agressor a ser confrontado será apenas aqueles que cometeram a violência física, mas também todos aqueles que menosprezaram o sofrimento da vítima, como no seguinte depoimento do dia 1 de outubro de 2012: “Eu preciso do feminismo porque meus pais me chamam de vadia desde que eu fui estuprada quando tinha nove anos.”²⁰ Neste caso, são os pais da vítima que, por não demonstrarem compaixão com o seu sofrimento, ocupam a posição de agressores. Em outro exemplo, o confronto fica explícito pelo uso da segunda pessoa na frase: “Eu preciso do

²⁰ “I need feminism because my parents have called me a slut ever since I was raped at age nine.” (Tradução livre. Disponível em: <http://whoneedsfeminism.tumblr.com/post/32683289024>).

feminismo porque a vida é minha e eu faço o que quiser com ela. Entendeu?”²¹ O confronto parece ser direcionado a todos aqueles que leem a sua mensagem, ou seja, virtualmente, a sociedade inteira de preconceituosos que a oprime e a impede de fazer o que deseja.

Conclusão

A vítima é uma categoria social que nos últimos anos, devido a mudanças na forma de atribuição de responsabilidade pelos sofrimentos existentes discutidas, passou a ser uma figura central no discurso político contemporâneo, que desde a segunda metade do século XX vem incorporando uma lógica terapêutica. Esta lógica se manifesta pela relevância de conceitos tais como autoestima, preconceito, vergonha e empoderamento dentro destes discursos e pela proliferação de certas estruturas narrativas ligadas a estes conceitos no espaço público com finalidades políticas. A vítima enquanto um código moral e discursivo possui algumas características importantes, que foram apresentadas ao longo deste trabalho. A primeira delas diz respeito ao local de responsabilização pelo sofrimento: a culpa sempre está no exterior, a vítima é sempre inocente. A segunda característica, ligada a primeira, é que, uma vez sendo completamente inocente, apenas a vítima terá autoridade de julgar o seu sofrimento e, portanto, de dizer se o que ela experimentou foi ou não violência. Isso significa também dizer que a vítima possui um imenso potencial de generalização.

Se por um lado a vítima serviu como instrumento de legitimação de demandas políticas por igualdade de direitos e reparação de injustiças, por outro, a sua generalização vem significando a supressão das possibilidades de diálogo político. A vítima típica dos movimentos de esquerda sempre foram as populações pobres e desfavorecidas pela desigualdade social. Mais recentemente, emergiu o problema das minorias sociais e as políticas de identidade (negros, mulheres e homossexuais, em particular, passaram a ocupar notadamente esta posição). Entretanto, os movimentos conservadores de direita passam cada vez mais a instaurar novos grupos de vítima. Segundo Alyson M. Cole, existem três figuras principais que ocupam o lugar da vítima conservadora: a vítima de violência urbana, o feto abortado e, (por último e mais interessante para os fins deste trabalho) as vítimas de discriminação reversa e de políticas progressistas (COLE, 2007, p. 10). Isto inclui, por exemplo, as vítimas da “cristofobia”, o projeto “*Women Against Feminism*” e também todos aqueles que se dizem perseguidos pelo “politicamente correto”.

²¹ “I need feminism because my life belongs to me and I do what I want with it, understand?” (Tradução livre. Disponível em: <http://whoneedsfeminism.tumblr.com/post/34697171497>).

Para problematizar a generalização da figura da vítima, acredito ser interessante recorrer a dois casos recentes. Em maio de 2015, na zona sul carioca, o assassinato de um médico por dois menores de idade deu novo fôlego ao movimento em favor da redução da maioria penal, aprovado recentemente para crimes hediondos²². Por outro lado, em junho de 2015, na Avenida Paulista, a representação de Jesus crucificado por uma transexual durante a passeata gay suscitou severas críticas sob o argumento de que o movimento gay estaria praticando intolerância religiosa com cristãos. A repercussão do caso resultou na proposta de um projeto de lei na Câmara que eleva a pena para o crime de ultraje a culto²³.

Claramente, a figura da vítima se torna um instrumento passível de ser usado por movimentos conversadores contra a defesa dos direitos de minorias através da proliferação de discursos de ódio travestidos de liberdade de expressão. A posição da vítima passa a ser cobiçada e se torna objeto de embates políticos entre os movimentos progressistas e conservadores (vítima de desigualdade social x vítima de violência urbana; vítima de homofobia x vítima de intolerância religiosa). A inocência presumida de tais vítimas oblitera o contexto histórico-social necessário à discussão de tais questões e, diante da impossibilidade de julgar ou comparar o sofrimento das vítimas, qualquer tentativa de discutir a existência de tais leis soaria preconceituosa ou indiferente a este sofrimento. E, portanto, ilegítima.

Referências

BUTLER, J. **Antigone's Claim: Kindship between Life and Death**. New York: Columbia University Press, 2000.

COLE, A. **The Cult of True Victimhood: from the war on welfare to the war on terror**. Stanford: Stanford University Press, 2007.

DAVIS, J. E. **Accounts of Innocence – sexual abuse, trauma, and the self**. Chicago: Chicago University Press, 2005.

FALUDI, S. **Backlash: The Undeclared War against Women**. London: Vintage, 1992.

²² “Após manobra, Câmara aprova proposta para reduzir maioria” (Dia 02 de julho de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/07/apos-rejeitar-pec-camara-aprova-novo-texto-que-reduz-maioridade.html>).

²³ “Após Parada Gay, deputado quer que 'crisofobia' vire crime hediondo” (Dia 10 de junho de 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1640253-apos-parada-gay-deputado-quer-que-crisofobia-vire-crime-hediondo.shtml>).

McROBBIE, A. Pós-feminismo e Cultura Popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero. In: CURRAN, James; MORLEY, David. **Media and Cultural Theory**. London/New York: Routledge, 2006, p. 59-69. Tradução: Márcia Rejane Messa.

MOSKOVITZ, E. **In Therapy We Trust**: America's obsession with self-fulfillment. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARTI, C. A Vítima Como Figura Contemporânea. Salvador: **Caderno CRH**, 2011, v. 24, n. 61, p. 51-61.

SIBILIA, P. A Nudez Autoexposta nas Redes: deslocamentos da obscenidade e da beleza? Campinas: **Cadernos Pagu** (online), 2015, n. 44, p. 171-198.

TAYLOR, C. **A Ética da Autenticidade**. São Paulo: É Realizações, 2011.

VAZ, P. A vida feliz das vítimas. In: FREIRE FILHO, J. (org.). **Ser Feliz Hoje**: reflexões so-bre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FGV, 2010, v. 1, p. 135-164.

_____. Na distância do preconceituoso: narrativas de bullying por celebridades e a subjetividade contemporânea. São Paulo: **Galáxia** (online), 2014, v. 14, p. 32-44.

VAZ, P; SANTOS, A. & ANDRADE. P. H. Testemunho e Subjetividade Contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência. Juiz de Fora: **Lumina** (online), 2014, v. 8, p. 1-33.